

CENTRO DE ESTUDOS ANGLICANOS – CEA

Para além de Lambeth

Relatório da MISSIO para a Conferência de Lambeth de 1998

Trad. Dom Sumio Takatsu

Introdução do Presidente

MISSIO foi estabelecida para servir como um 'reservatório pensante' sobre missão e missiologia para o Conselho Consultivo Anglicano com as seguintes responsabilidades:

- a) Prover um fórum para Províncias nas quais a missão da Igreja possa ser revisada nesta década (JPIC, inter-fé e outros interesses).
- b) Encorajar novas estruturas de missão para emergirem na Comunhão Anglicana.
- c) Desenvolver um companheirismo de Igrejas com suas agências agindo em conjunto para trocar e partilhar os recursos dados por Deus para o benefício de todos.
- d) Manter uma visão abrangente dos Companheiros em Missão dentro da CA.
- e) Desenvolver a Década de Evangelização, ou seja, o significado e o desenvolvimento da evangelização nas diferentes culturas.
- f) Desenvolver data-base para missão (começando com o Encontro Mundial Anglicano de Missão) com uma visão de sua utilidade para toda a Comunhão.
- g) Dar seguimento ao primeiro Encontro Anglicano na Conferência do Sul e a Conferência de Movimento para a Missão.
- h) Relatar ao CCA e receber dele itens relevantes.
- i) Prover encorajamento, incremento e apoio para o Diretor de Missão e Evangelização do CCA.

Foi provavelmente o encontro anglicano mais representativo de pessoas leigas, clérigos e bispos desde o Congresso Anglicano em Toronto, em 1993. Nós dedicamos especial atenção às seções chaves do relatório da MISSIO daquele encontro: 'Questões Emergentes e Direções Futuras' e 'Algumas Considerações Práticas'. MISSIO deliberadamente escolheu produzir um breve documento destacando as maiores questões

da Revisão da Primeira Metade da Década de Evangelização, para fácil e ampla circulação. Era para ser traduzido em francês, chinês, suahili, espanhol e português. O relatório completo de Kanuga foi publicado separadamente.

MISSIO esta consciente da diversidade teológica dentro da Comunhão, e portanto dentro de nossas posições. Enquanto nós temos sido grandemente enriquecidos, nós acreditamos que a Comunhão necessita mover-se para além da mera aceitação da diversidade, em direção a um engajamento mais criativo, que pode ser um fator unificador no meio da diversidade

Eu oro a Deus pelos muitos sinais de nossa Comunhão que está movendo-se em direção a um modo missionário. E eu oro que o trabalho da MISSIO, ainda em seu estágio inicial, possa ajudar os anglicanos através do mundo a 'cantar ao Senhor um cântico novo'.

Revmo. DuKat Yong Ping Chung
Bispo de Sabah e Presidente da MISSIO

INTRODUÇÃO

O que é missão

Missão é a criativa, reconciliadora e transformadora ação de Deus, que flui da comunidade de amor, fundada na Trindade, revelada a toda humanidade na pessoa de Jesus e confiada ao contínuo testemunho do povo de Deus no poder do Espírito Santo." (cf. Jo 20, 21-23)
Comissão de Missão – Conselho Nacional de Igrejas da Austrália, fev. 1997.

Os ingredientes essenciais de nosso entendimento de missão são o amor de Deus que flui da Divina comunidade de amor (Ss. Trindade), e a sacramental presença de Deus como o resultado de ações e palavras da Igreja quando o Reino de Deus é proclamado. Tudo o que a Igreja é, faz e diz deve ser a proclamação do Reino de Deus, na reconciliadora morte e ressurreição de Cristo.

Uma distinção é necessária entre a essência da evangelização e sua prática. A Igreja deve ser o sacramento ou sinal da mensagem que é proclamada e demonstrada.

Se esta distinção não é feita, a evangelização se torna uma atividade, ainda que uma atividade inspirada. As Cinco Marcas da Missão do CCA (1984-1990) podem ser incompreendidos como uma lista de atividades que fazem a evangelização.

Mais seriamente, o primeiro deles (proclamar as Boas Novas do Reino de Deus) poderia facilmente ser compreendido como somente um das cinco marcas da missão, ao passo que ele é a marca fundamental. Na verdade, proclamar o Reino de Deus por feitos e palavras pode ser igualado à evangelização.

Missão é portanto a reconciliadora e transformadora ação de Deus em Cristo, no poder do Espírito Santo, para a qual a evangelização conduz ao testemunho.

A Igreja existe no poder do Espírito para:

- a) Proclamar as Boas Novas do amor reconciliador de Deus em Jesus Cristo;
- b) Batizar e nutrir a quem passa a crer em Cristo;
- c) Responder às necessidades humanas com serviço zeloso;
- d) Trabalhar pela transformação da sociedade de acordo com os valores do Evangelho;
- e) Salvar a integridade da criação e a renovação da vida na terra.

CCA-6 e CCA-8

Bagagem e história

Na Conferência de Lambeth de 1988 os Bispos resolveram que:

Esta Conferência, reconhecendo que a evangelização é a tarefa primária dada à Igreja, solicita a cada província e diocese da Comunhão Anglicana, em cooperação com outros cristãos, para fazermos dos anos de encerramento do milênio uma "Década de Evangelização" com uma ênfase renovada e unida de fazer Cristo conhecido ao povo de seu mundo. Resolução 43

O encontro do CCA e Primazes na Cidade do Cabo, 1993, solicitou uma revisão da metade da Década de Evangelização para assegurar o progresso feito na primeira metade e para refletir na futura.

Portanto, em setembro de 1995, 120 representantes de províncias da Comunhão encontraram-se em Kanuga, Carolina do Norte, EUA, para partilhar informações sobre o andamento da Década em suas Igrejas, e para identificar questões e prioridades para o futuro. A delegação designou a MISSIO para refletir sobre suas descobertas e fazer recomendações para os Comitês Permanentes Conjuntos e para o Grupo

Delineador de Lambeth, em preparação para Lambeth 98 e para o próximo milênio.

Evangelização – a tarefa central da Igreja

Relatórios de Kanuga revelaram que a evangelização, em suas variadas formas, está movendo-se em direção a um lugar mais central na agenda das províncias da comunhão, como resultado da chamada de 1988 para a Década. Os relatórios também revelaram uma diversidade de compreensões e uma ampla variedade de abordagens de Evangelização na maneira como Anglicanos a relacionam com o Evangelho nas suas situações locais.

Mas havia alguns temas sublinhados em comum:

Missão e evangelização estão integralmente conectadas. Apesar de que evangelização geralmente foi entendida como partilha do Evangelho em ordem de despertar a fé pessoal em Jesus Cristo, esta não pode ser feita sem relacionar o contexto pessoal e social daqueles interessados.

Evangelização é central e essencial para a vida e testemunho da Igreja. Ela é o fio condutor, o ponto de contorno da tarefa mais ampla da missão. Qualquer Igreja que não se engaja seriamente na missão foi considerada sendo desobediente, arriscando sua extinção ou tornando-se um campo missionário para outras religiões.

Evangelização tem impacto nos aspectos mais amplos de missão. Ela desafia a qualidade de vida e saúda as comunidades da Igreja nas quais novos crentes entram. Ela levanta questionamentos sobre a nutrição Cristã. Ela levanta questões sobre o papel dos Cristãos na sociedade e o serviço deles para o mundo. Ela provê desafios para as injustiças econômicas e sociais do nosso mundo.

Estratégias para a Missão

A Comunhão tem desenvolvido maneiras de expressar através das províncias sua interdependência na participação na missão de amor reconciliador de Deus.

A responsabilidade primária da liturgia e testemunho em cada lugar é através congregação paroquial. Mas a unidade paroquial não acontece por si mesma; sendo ela parte de uma diocese na qual o bispo divide responsabilidade pelo cuidado das almas com o clero paroquial. Para a maioria dos cristãos a missão e o testemunho tomam lugar na comunidade local e no lugar de trabalho, através do processo diário de amar e trabalhar com outros. Assim, os padrões do culto e da vida da Igreja são formativos na definição das atitudes que os cristãos têm diante

do mundo mais amplo. Mas a vida diária e o testemunho do povo cristão é também suplementado por programas especiais de testemunho em ocasiões específicas.

Um caminho teológico útil para prover uma estrutura básica mista, congregacional, diocesana, provincial e voluntária, para o culto e o testemunho é "o reconhecimento cada vez crescente de que a Igreja é um movimento; o povo peregrino de Deus caminhando em direção ao Reino. Dentro desse amplo movimento despontam outros movimentos, assim como fiéis cristãos buscam, sob o Espírito, completar sua vocação de variadas maneiras. Tais movimentos podem ser relacionados com evangelização, questões de justiça e paz, ou defesa dos pobres".

Mudanças nos últimos quarenta anos

A situação com a qual se depara a Comunhão Anglicana no final da década de 90 desenvolveu-se do crescimento de províncias independentes da colonização britânica e americana, a partir dos anos 50.

A Conferência de Lambeth de 1958 foi a primeira na qual "havia um significativo número de bispos não europeus e que afirmou a Comunhão como um companheirismo cristão inter-racial e internacional muito mais do que um prolongamento missionário ou quase imperial da estabelecida Igreja da Inglaterra"

A partir do Congresso de Toronto, em 1963, surgiu o conceito de Mútua Responsabilidade e Interdependência (MRI), chamando para uma melhor distribuição de recursos por toda Comunhão. Ele apelou por um fundo de US\$ 15 milhões para ajudar no trabalho de implantação de novas Províncias. Todos tinham necessidades e todos tinham dons para oferecer aos outros. Conceitualmente isso "distribuiu um sopro de morte sobre o paternalismo que existia com relação a outras províncias por parte das igrejas inglesa e americana".

Cada Província identificou suas necessidades, e as dioceses, comitês missionários, congregações associadas, foram encorajadas a contribuir para elas através dos canais existentes. Duas foram as evoluções a partir do MRI.

a) Laços de Companheirismo diocesanos começaram a crescer. As dioceses começaram a formar relações de companheirismo, através de variados padrões, como conexões desenvolvidas para satisfazer necessidades financeiras. Por volta de 1997, cerca de 400 dioceses dentro da Comunhão tinham laços de companheirismo de alguma maneira com outras dioceses.

b) Desenvolvimento do processo de Companheiros em Missão (CEM). O CEM evoluiu a partir dos problemas encontrados pelo MRI e da

formação do Conselho Consultivo Anglicano (CCA), na Conferência de Lambeth 1968.

“Companheiros em Missão” refinou a expressão de interdependência na vocação missionária. Ele entendeu que:

- a) Há uma única missão em todo o mundo;
- b) Ela é compartilhada por toda a comunidade cristã mundial;
- c) Ela envolve um processo de doação e recebimento no qual todos tem dons para oferecer e necessidades para serem atendidas;
- d) A igreja local em cada lugar é primariamente responsável pela missão naquele lugar e as necessidades devem ser respeitadas. Como parte da Igreja Católica, ela tem dons e recursos para oferecer.

“Companheiros em Missão” é o meio prático para trabalhar esses princípios, e teve consideráveis benefícios.

- a) Proveu meios de expressão de mútuo companheirismo para além das tradicionais agências missionárias;
- b) Capacitou os representantes das Igrejas a acumular experiência de outra Igreja e retornar como experiência própria;
- c) Proveu uma estrutura para os quadros das Igrejas nacionais e agências voluntárias a focalizar suas prioridades;
- d) Ajudou a captar a linguagem de dar e receber dentro corrente sangüínea da Comunhão.

Da metade dos anos 70 até o começo dos anos 90 houve um constante programa de consultas, relatadas ao CCA e às Conferências de Lambeth. O monitoramento dessas consultas foi uma prioridade dos dois grupos do MISAG – Grupo Consultivo de Estratégias e Questões Missionárias.

A concentração de consultas decresceu desde os anos 80, uma vez que assumiu maior ênfase a Década da Evangelização, uma prioridade para as áreas de Missão e Evangelização do CCA.

O Atual Contexto para Missão

A situação atualmente é complexa e não tão aberta a uma direção única como previamente.

Em 1963 havia 30 Províncias, que em 1998 passaram a ser 37. No mesmo período houve um acréscimo de dioceses que atualmente perfazem 599, em janeiro deste ano. Desde 1963 o papel das maiores Igrejas históricas nacionais e das sociedades missionárias decresceu. Seus orçamentos declinaram em termos reais.

Novas agências emergiram geralmente focando tarefas específicas ou visitas de grupos, e com frequência atraíram suporte por causa de sua novidade. As Igrejas da Europa, América do Norte e Austrália decresceram tanto em tamanho como em vigor financeiro. As necessidades locais tiveram que ser priorizadas.

Os anos 80 testemunharam o crescimento das agências de desenvolvimento, atraindo mais fundos a partir de governos, indivíduos e congregações. A significância dos Laços de Companheirismo Diocesano aumentou.

De muitas das novas Igrejas e novas agências missionárias o padrão de envio tanto de missionários como de recursos dentro e através de Províncias está crescendo. O custo das viagens aéreas caiu consideravelmente, permitindo visitas mais frequentes. Em 1897, um mapa missionário do mundo se assemelharia ao de rotas de navio a vapor partindo da Grã Bretanha, Europa e América do Norte. Em 1997, um mapa missionário se assemelha a rotas aéreas com várias convergências, mas não com um centro global. As possibilidades de intercâmbio, companheirismo e missão partilhada e evangelização são agora muito maiores e mais ricas.

Desenvolvimentos futuros de Companheirismo em Missão

Missão em contextos novos

A Década da Evangelização tem estimulado toda a Comunhão além de suas expectativas. Crescente número de Igrejas tem se engajado em missão em seus próprios contextos e de acordo com recursos próprios. Alguns exemplos, citamos a seguir:

Bispos Missionários

Dioceses missionárias foram criadas no norte islâmico da Nigéria, sustentadas por dioceses mais antigas do sul do país. Antes de abril de 1990 havia apenas 3 dioceses no norte da Nigéria; em 1997 esse número subiu para 19.

Capelias Missionárias

Elas alcançam comunidades imigrantes além mar, tais como a formação da "Capelania Nigeriana" no Reino Unido, em 1980, a partir da "Comunidade de Cristãos Nigerianos de além mar". Uma capelania similar foi previamente criada nos USA. Há também uma Capelania japonesa em Londres e uma Capelania coreana em Toronto.

Movimentos Missionários Leigos

A maioria das igrejas pioneiras no Norte da Nigéria foram implantadas por comerciantes e trabalhadores em ferrovias, principalmente em Igbo, e todos eles eram leigos. A Igreja Anglicana no Norte nigeriano tem uma forte membresia de Igbo. Trabalhadores migrantes no Reino Unido e nos USA, encontraram igrejas locais pouco receptivas, e, por isso, organizaram suas próprias igrejas. Alguns são anglicanos e se situam sob a autoridade do bispo diocesano, mas muitas outras são privadas e pentecostais. Em Washington, residentes nigerianos organizaram e apoiaram financeiramente uma igreja anglicana como um meio missionário e de ministério no meio de seu próprio povo e empregam um sacerdote de tempo integral nigeriano.

Movimento missionário de permuta

Na Província da África Oriental, a Igreja Anglicana de Camarões empregou um sacerdote de Serra Leoa e instalou a ele como Arquidiácono nos Camarões. A igreja cresceu enormemente através dos anos, e seus membros (na maioria nigerianos) sustentam seus programas eles mesmos.

Outros exemplos

O Brasil enviou uma missionária a Moçambique com suporte financeiro da USPG e CMS britânica.

Cingapura enviou missionários para América Latina, África do Sul, Tailândia e Cambodja com apoio de paróquias individuais. A diocese tornou-se a coordenadora e legitimadora de tal iniciativa missionária.

CMS da Irlanda está sustentando um sacerdote ugandense para trabalhar em Ruanda.

O Canadá tem apoiado missionários cubanos no Uruguai, um missionário guatemalteco na República Dominicana, e um missionário filipino nas Ilhas Salomão.

Mais e mais igrejas anglicanas no Sul tem organizado suas próprias Sociedades Missionárias, como a CMS (Nigéria, em 1997). Planos estão a caminho para treinar missionários que a Igreja enviará para África ou Europa.

Próxima fase do companheirismo

Na próxima fase do Companheirismo em Missão deverá ter uma ênfase mais consciente em aprendizagens que podem ser adaptadas à cultura de ambos companheiro. Deverá haver maior ênfase no relacionamento entre pessoas, levando mais confiança e mudando atitudes.

Em qualquer das reuniões para planejar suas prioridades futuras, paróquias, dioceses, agências missionárias, escolas teológicas devem levar em consideração a experiência de cristãos de outras culturas.

Nas avaliações dos laços de companheirismo diocesano, representantes dos dois lados do companheirismo devem estar envolvidos em ambos os lugares.

UMA VISÃO DE TRANSFORMAÇÃO E CELEBRAÇÃO

*Cantai ao Senhor um cântico novo;
Cantai ao Senhor toda a terra.
Cantai ao Senhor, louvai o Seu nome;
Falem da sua salvação dia a dia. (Sal 96:1-2)*

I . Uma Igreja transformadora

Deus está se movendo na História agora mesmo. A derrubada dos muros, o fim das divisões, o ressurgimento da paz, tudo isso provê a humanidade com possibilidades para uma nova vida, nova liberdade e o mútuo enriquecimento resultante de uma criativa celebração de nossa diversidade. Tais momentos são frágeis, assim como uma continua litania de conflitos ao redor do mundo conduz a todos a um pronto testemunho.

Se a Igreja é para ser o sinal da presença e da atividade de Deus entre as nações, "Venha o teu reino na terra assim como no céu", então ela deve ampliar sua atenção para a relação entre missão e cultura; ter uma compreensão mais integrada da relação entre justiça e Evangelho, e mostrar consciência da realidade do pecado estrutural bem como do pecado pessoal. A tarefa da missão tem no seu coração o reconhecimento de que a terra é de Deus e de que diz respeito à transformação da vida, não somente de indivíduos, mas igualmente da sociedade, nações e da ordem criada (João 10:10).

Essa transformação não vem sem um custo. Para muitos dentro da Comunhão, seguir o exemplo de Jesus tem significado renúncia de vida por causa dos pecados do mundo.

O amor de Deus pelo mundo revelado na auto-doação, na morte sacrificial de Cristo, continua a ser exigido hoje e, por causa do mundo nós somos convidados a caminhar o caminho de Cristo da Cruz. As Escrituras nos apresenta evidências abundantes de que o propósito de Deus é a redenção do mundo através de nosso Senhor Jesus Cristo. Elas também nos desafiam a viver e trabalhar para que o justo e manso Reino de Deus se torne a experiência comum de toda a humanidade. Em vista deste desafio que o Senhor ressurreto tem colocado diante dela, a Igreja deve mudar sob o poder do Espírito Santo.

A Igreja deve tornar-se comprometida com a Missio Dei

Sugerimos que as Igrejas da Comunhão estejam prontas para aumentar sua contribuição para missão, como um testemunho da importância de partilhar recursos por causa do Reino de Deus. Evidências históricas demonstram que o poder da missão é mais do que um poder econômico, pelo contrário nossa doação pode ser a medida de nosso compromisso com a missão de Deus.

2. Uma Igreja revitalizada vivendo na simplicidade do amor de Deus

Qualquer visão do futuro da missão cristã dentro da Comunhão Anglicana necessita sustentar no seu centro a simplicidade do dom do amor de Deus, dado para ser compartilhado. Nossa visão da missão pode oferecer uma profunda esperança de que o principal fim da humanidade é dar glória a Deus e agradá-lo para sempre. Missão é amor; a suprema satisfação do novo mandamento (João 13:34-35).

No entanto, nossas estruturas raramente permitem um ambiente de amorosa alegria que transforma pessoas e comunidades ou bairros onde elas vivem. Nossa oração e visão se voltam para uma igreja revitalizada que, em testemunho e comunhão, seja autêntico sinal do Reino de Deus, no contexto:

- Celebrando a fé em Deus
- Enraizada na fé bíblica
- Dinâmica em Missão e Evangelismo
- Criativa e alegre na liturgia
- Cuidadosa em fraternidade
- Generosa em doação para a missão
- Comprometida com a transformação social, através de pessoas transformadas

Reconhecemos que, para se revitalizar dessa forma, nossa Igreja em muitos lugares necessitará modificar sua maneira de ser Igreja, mudando suas atitudes, e acolhendo e nutrindo pessoas ao invés de criticá-las ou ignorá-las. Tudo isso implica em 'transformação'.

A nossa fé é Trinitária: 'Cremos em um Deus como Criador e Sustentador, Redentor e Doador da Vida'. Nós somos uma comunidade de batizados, chamados para a fé e esperança. Existimos para brilhar como luzes do mundo para a glória de Deus, preparando o caminho para a ordem divina de liberdade e amor ser revelada no meio de nós.

3. Uma Igreja enraizada na comunidade.

Uma comunidade provê a base de vida para seus membros, onde eles são sustentados e partilham suas esperanças e ansiedades. Os primeiros cristãos marcaram seu compromisso situando-se na comunidade bem como também sendo comunidade. Eles são chamados para fora do mundo mas não removidos dele: redentivamente imersos e conscientes da agonia e sofrimento que caracteriza um mundo caído, mas não moldados por ele. Enquanto nesse estado de testemunho redentivo ou martírio, "eles eram observados com respeito por todo o mundo" (Atos 2:42). Eles praticaram benevolência, partilharam seus bens com os necessitados, partiram o pão juntos, empreendendo as tarefas diárias com alegria e paciência, esforçando-se para não estar ansiosos sobre o amanhã. O alvo da comunidade foi experimentar a vida plena em Cristo. Para alcançar esse alvo, a fé no relacionamento interpessoal foi essencial.

Era a disciplina, sua cortesia comum e o comportamento misericordioso que as destacaram como pessoas que abraçavam algo precioso abraçando, de forma que ' dia à dia o Senhor somou à comunidade delas' (Atos 2: 42-47). O Espírito de Deus que dá dons ao povo de Deus para oferecerem em serviço a Deus e um ao outro, chamou a Igreja a tal vida, uma vez que ela é o agente e meio para alcançar o mundo com a vida e amor de Deus.

A Igreja que nós desejamos ver é então uma cadeia de comunidades de adoração, grandes e pequenas, que sejam:

- arraigadas em seu contexto como modo de ser relevante;
- expressando a vocação de Deus para viver em amor (João 15: 33-35);
- buscando o bem-estar de todos o povo de Deus independente de diferenças raciais ou culturais;

e

- vivendo no espírito de Jubileu (Levítico 25, Lucas 4,: 18-19), em perdão e generosidade.

Nós procuramos por estruturas diocesanas e episcopais que sejam:

- servas por natureza;
- enfocadas em comunidades locais de fé;
- largas em visão;

e que

- facilitem uma Comunhão mundial para testemunhar a unidade no mesmo Espírito, enquanto celebrem sua enriquecedora diversidade e catolicidade.

Como a Igreja é um corpo de muitos membros, o testemunho cristão é por sua natureza comunitário. Testemunho comum é caracterizado através de reconhecimento e respeito com os recursos ricos de cada tradição cristã, e através da preocupação em compartilhar no plano divino de congregar tudo em unidade.

4. Uma Igreja do Jubileu

Jesus não veio só anunciar 'Boas Novas para os pobres, libertação para os cativos, liberdade para os oprimidos, visão aos cegos', mas 'proclamar um ano de graça do Senhor' (Lucas 4: 18-19, Isaías 61: 2). Este ano de graça é o ano do Jubileu. Em termos contemporâneos, Jubileu é um tempo para remissão de dívidas, libertação de almas e de prisioneiros econômicos, permitindo aos refugiados voltar para casa, e devolução de terra e recursos, levado de povos indígenas pelos primeiros colonos e colonizadores, e por descendentes desses colonos. A linguagem de Jesus é presente e futura: agora é o ano aceitável da graça do Senhor. A ação de Deus em história e a proclamação por Jesus do Jubileu são as marcas da missão do Deus cujo desejo de abençoar as pessoas de boa vontade (Lucas 2) é compendiado no evento de Cristo (Romanos 5: 5-8; I João 4:10). Estas Boas Novas são expressadas em tal esperança, que o Deus que age na história é revelado a nós como Emanuel- Deus conosco.

Nós almejamos uma Igreja que traz cura para uma humanidade ferida, uma Igreja que fala, age e está em solidariedade com o vulnerável.

Nós solicitamos aos bispos Lambeth 1998 para agirem cooperativamente e ecumenicamente, promovendo um ano de Jubileu no ano 2000:

- para a remissão de dívida das nações mais pobres;
- pela libertação de todos os prisioneiros de consciência;
- para o retorno de terras para aqueles feitos sem-terra, e
- para conter a cobiça e opressão do Banco Mundial, o FMI e outras multinacionais.

II. O modo a seguir

Nós chamamos o CCA e a Conferência de Lambeth para afirmar que evangelização é o fio condutor da missão.

Regozijamo-nos regozijamos em ver que a Comunhão fez avanços consideráveis na Década de Evangelização. Anglicanos ficaram mais confiantes na evangelização e assim na sua identidade. A tarefa de evangelística nos compele a nos arriscarmos em territórios onde nós somos chamados a explorar padrões novos de apoio um ao outro e onde nós somos desafiados a reexaminar o que significa ser uma comunidade Cristã obediente no mundo hoje. Mas também pode envolver um dispendioso discipulado uma vez que nós somos mais vulneráveis a lesões e desentendimentos dentro da comunidade Cristã.

Nós experimentamos o que significa para a igreja como um grupo minoritário testemunhar a Cristo dentro de ambientes hostis. O mundo é crescentemente mais violento e indiferente ao sofrimento e à pobreza. O mundo experimenta vastos movimentos de população devido à

'purificação étnica', degradação de paisagens, e ao surgimento de megacidades. Outras fés vivas fazem reivindicações autênticas; cultos e religiões novas se lançam em proselitismo ostensivo e usam habilidades administrativas contemporâneas para avançar em suas tarefas; e novos movimentos pentecostais forçam a Igreja a reavaliar apreciadas tradições.

Tal contexto nos desafia a reexaminar os modos prévios nos quais a missão foi empreendida. Alguns ainda vêem a missão como um movimento do mais culto e privilegiado para o menos culto e privilegiado). Alguns enfocam o aspecto de salvação pessoal. Outros acentuam a importância de identificar pessoas estratégicas como alvos de evangelização, conduzindo à conversão da comunidade. Alguns podem enfatizar o serviço para a comunidade através de educação, serviço social, e cuidado médico. Alguns ainda vêem a missão em termos de manter tradições eclesiais e étnicas apreciadas.

Mas são os pobres, aqueles que lamentam, os humildes, aqueles que têm sede de retidão, os misericordiosos, os puros de coração, os pacificadores, e aqueles que são perseguidos por causa de Cristo que são chamados bem-aventurados. Jesus pede tais atitudes de nós.

O modo a seguir é nutrir certas atitudes, mais do que oferecer qualquer modelo novo. Tais atitudes permitiriam a Igreja ser testemunha mais efetiva. As atitudes seguintes trariam missão efetiva.

Nossa formação interna

1. Além de ideologias: Confiança nas Escrituras Sagradas

Junto com um entendimento dinâmico, holístico, e integrativo de missão e evangelização entra um testemunho e ação empolgantes na redescoberta da centralidade das Escrituras Sagradas na missão. No Brasil, África, e Caribe, a Bíblia se torna a construção bastante dinâmica da comunidade, cura espiritual, e redescoberta da identidade pessoal.

2. Além de materialismo: Simplicidade na vida pessoal

No mundo de pessoas quebrantadas onde necessitamos uma visão nova de integridade, achamos que os líderes de igreja são balizas de esperança. O Arcebispo Desmond Tutu e o Pe. Trevor Huddleson são dois exemplos destacados. Nós achamos que a missão fica efetiva sempre que os cristãos são comprometidos com o amor sacrificial e são dedicados à santidade pessoal. A verdadeira santidade evangélica não significa nos isolar de pecadores (Puritanismo); nem significa condenar o mundo (Moralismo); mas é um oferecimento de nossas vidas em serviço humilde e alegre respondendo à misericórdia de Deus.

3. Além de manutenção: Estrutura eclesiástica enfocada na missão

Há uma difundida impaciência e desilusão com modos institucionalizados de ser a Igreja. Estruturas de missão nacionais e sinodais às vezes são desconsideradas. Estruturas são freqüentemente experimentadas como opressivas e exigentes, em lugar de participatórias e capacitantes.

É a paróquia anglicana comum montada para o surgimento e a formação de novos cristãos? Onde as igrejas tem a missão em mente, elas estão mais preparadas e imaginativas na reestruturação do conceito de Igreja Anglicana. Em algumas partes da Comunhão, nós vemos uma vontade para permitir o surgimento de estruturas novas, e um compromisso de desenvolver novas redes de trabalho. Padrões novos de ministério vêem iniciativas da paróquia como a unidade básica para extensão na Ásia Oriental, tendo a Diocese como apoio. A Igreja da Inglaterra está começando a usar declarações de missão e de visão para prover um ponto focal para crescimento de igreja, desconhecidas da principal corrente da Comunhão Anglicana vinte anos atrás.

Dentro da Comunhão anglicana mais ampla

Além do paroquialismo e paternalismo: Global em nossa identidade anglicana

A missão nos invoca de nossa domesticidade para sermos um cristão dinâmico com uma visão global, orgulhoso de pertencer a uma família global que está viva, bem e crescendo. Isto encoraja muitos anglicanos que vivem como uma minoria insignificante. Tal compromisso global deveria ser especialmente encorajado em um tempo onde o mundo é fragmentado pelo nacionalismo, regionalismo e tribalismo.

Tal visão global leva com ela um mandato para colegialidade. Igrejas Membro do Terceiro Mundo estão ganhando confiança na articulação teológica e liderança da Igreja. Crescentemente nós descobrimos que faculdades teológicas na Comunhão estão desenvolvendo seus programas nos próprios idiomas delas. A política eclesiástica é adaptada aos contextos locais. O Terceiro Mundo é agora mais capaz de definir a sua própria agenda, e espera que ela seja levada a sério pela Comunhão.

Tal auto-asserção de crescimento pode bem ser uma causa de preocupação ao Oriente. As Igrejas emergentes ainda precisam expressar sua visão, tanto em termos de habilidade de linguagem como de articulação teológica. De forma que a Comunhão possa aventurar-se além das águas familiares desenhadas pelo colonialismo passado, ela deveria aprender a aceitar que há outros modos de percepção e entendimento.

Deveriam ser dadas boas-vindas às contribuições do Terceiro Mundo e deveriam ser encorajadas de forma que aconteça genuína colegialidade dentro da Comunhão.

Um exemplo da dificuldade visível nos Primazes é o tratamento do documento 'Uma Segunda Trombeta do Sul (Trombeta II)' do Encontro Anglicano no Sul, em 1997. Eles consideraram este documento como não representativo da Comunhão Anglicana e levantaram questionamentos sobre a seleção de participantes. Teria sido muito mais sábio submeter o documento à Comissão Inter-Anglicana para apreciação.

Dons do Espírito Santo ainda estão causando distúrbios na igreja do presente como eles criaram na igreja antiga. Se os dons são para serem lançados e afirmados para o bem da Igreja, eles não devem ser ignorados por causa da conveniência administrativa e política.

5. Além da divisão: Ecumênica no companheirismo cristão

Missão é uma experiência de encontrar unidade, da mesma maneira que a procura da unidade é por necessidade uma aventura na missão. Como nós nos movimentamos em missão, nós não podemos ignorar outras expressões locais do corpo de Cristo. O Conselho Mundial de Igrejas encoraja as Igrejas membro 'a buscar relacionarem-se com igrejas pentecostais e evangélicas na sua área, para tentar entender o carisma particular dessas igrejas e buscar modos de expressar uma unidade que as inclua'.

Esta motivação missiológica coloca os diálogos ecumênicos em enfoque próprio. Explorar a unidade de igreja acontece ao nível local quando os cristãos se congregam para oração, para eventos de extensão, para formação teológica comum, e para ação social. Estes não só fazem testemunho local mais efetivo, mas criam as condições necessárias de confiança mútua na qual podem ser discutidos assuntos teológicos e eclesiásticos mais amplos.

ESTRUTURAS PARA A MISSÃO

Estruturas Missionárias na Comunhão Anglicana estão em um estado de mudança e desenvolvimento. Em alguns lugares, muito do trabalho previamente feito através de agências sinodais estabelecidas está sendo agora descentralizado assim como expressões locais da igreja buscam participação mais ativa na definição e encargo da missão.

Na Inglaterra (Sociedade para Missão Mundial), Austrália (Conselho Ecumênico e Missionário), e Estados Unidos (Conselho Episcopal para Missão Global), agências voluntárias e sinodais estão se lançando juntas

em redes de trabalho de partilha de informação e cooperação. Movimentos de missão indígenas estão emergindo e estão crescendo no global 'Sul'. No relatório do recente Encontro Anglicano no Sul, foram expressas firmes convicções sobre a natureza da missão que abre a possibilidade de modos novos e empolgantes de participação na *Missio Dei*.

Esse relatório acentuou enfaticamente que a 'Igreja local em seu contexto' é a agente primária da missão. A pergunta foi colocada sobre se as estruturas paroquiais às vezes inibem a formação de unidades menores que podem ser freqüentemente os agentes mais efetivos da missão na sua vizinhança. A chamada é para uma 'Igreja enraizada na grama'.

Nós vemos esta tarefa da MISSIO como buscar entender e avaliar estas mudanças e desenvolvimentos nos movimentos de missão e manter a Comunhão Anglicana informada da situação.

Entre os assuntos em nossa agenda estão o Encontro Anglicano no Sul, o processo de Companheirismo em Missão, e os Laços de Companheirismo Diocesanos. Um enfoque novo diante de nós, contudo, é o surgimento de uma realidade nova na missão mundial que desafia nossos conceitos prévios de companheirismo. O campo de missão hoje não é unidirecional, com uma região como uma base de envio e a outra como uma base receptora. O que nós vemos é uma rede de movimentos ao redor do globo: 'de todos os lugares para todos os lugares'. Como nós deveríamos responder a esta realidade nova como uma Comunhão? A MISSIO espera desenvolver algumas diretrizes para esta realidade transformada.

Para ajudar a fazer isto, a MISSIO convida agências de missão sinodais, sociedades voluntárias e grupos ou indivíduos interessados de toda a Comunhão a submeterem sugestões concretas para: MISSIO, Escritório da Comunhão Anglicana, Partnership House, 157 Waterloo Road, London SE1 8UT, England.

FRONTEIRAS EMERGENTES PARA A MISSÃO

A MISSIO começou a examinar e explorar vários desafios importantes para padrões existentes da missão anglicana, incluindo urbanização, pobreza mundial, a epidemia da AIDS, refugiados, e assim por diante.

Uma preocupação contínua é aquela da auto-confiança e desenvolvimento de liderança. A MISSIO está explorando a adequação da tradicional fórmula de 'três-selves' à luz de pelo menos duas coisas: a

corrente dependência entre Terceiro Mundo e Primeiro Mundo, e (mais positivamente) a natureza de nossa Comunhão como uma *koinonia* engajada na missão 'de todos os lugares para todos os lugares'.

O assunto dos 'povos não alcançados' é outra preocupação da MISSIO. Há uma solicitação vinda de algumas partes da Comunhão para adotar as estratégias e pressupostos dos movimentos de Crescimento da Igreja para evangelização mundial, enfocando nossos impulsos e orações evangelísticas em 'grupos de povos'. Em outros lugares na Comunhão, são questionadas tais aproximações em ambos os campos missiológicos e estratégicos. Como nós definimos 'povos não alcançados', por exemplo? Isso incluiria os não alcançados em nossas mega-cidades modernas, e sociedades de neo-pagãs? E o que dizer sobre os super-ricos que são os prisioneiros da sua própria riqueza e assombrados por uma pobreza espiritual interna? A discussão na MISSIO só começou. Muita informação precisa ser colhida, e a MISSIO planeja fazer dessa discussão um enfoque principal na sua próxima reunião.

Nós pedimos sugestões úteis sobre o assunto, vindas de toda a Comunhão.

A necessidade de uma espiritualidade de missão também está na agenda da MISSIO. A questão de 'conflito/campanha espiritual', em particular, é uma das quais a MISSIO planeja se dirigir.

Qualquer relatório ou textos sobre este assunto pode ser enviado a MISSIO no Escritório do CCA.

O MODO PARA O FUTURO

Nós chamamos o CCA e a Conferência de Lambeth para ajudar a nos movermos de onde nós estamos agora para a visão que Deus está nos dando.

Nós agradecemos todos os sinais de esperança ao redor da Comunhão. Nós celebramos a fidelidade de Deus em nossa história até agora, regozijamos no presente e antecipamos o futuro em esperança. Agora nós precisamos ser específicos ao olharmos para o futuro, indo para além de onde nós estamos.

A Década de Evangelização

A revisão da Primeira Metade da Década de Evangelização em Kanuga mostrou que os anglicanos ao redor do mundo estão ganhando confiança compartilhando sua fé em Jesus Cristo com outros. Nós precisamos perguntar o que o Espírito está dizendo para as Igrejas, através da atual vitalidade e crescimento da Igreja no Terceiro Mundo,

para que a meta seja mover-se para além de estereótipos prévios em direção `a missão holística.

Além dos Limites: Missão e Evangelização

Tudo o que a Igreja faz deveria ser evangelístico. Se o Evangelho está no coração da vida da Igreja, tudo aquilo que é dito e feito deveria proclamar as Boas Novas em Jesus Cristo.

Aqui a definição de missão do CCA (1984 -90) é menos adequada, como Mike McCoy salienta em 'As Cinco Marcas de Missão'. A primeira marca diz tudo: 'A missão da Igreja na palavra de Cristo é proclamar as Boas Novas do reinado de Deus. Esta proclamação é levada a cabo através do ensino e nutrição cristã, através do serviço amoroso para com o necessitado, pela defesa as vítimas da injustiça e não menos pelo esforço para salvaguardar a integridade da criação. Todas são parte do processo de evangelização, e todas conduzem ao testemunho da opção de Deus pelo pobre. A meta de toda a missão é glorificar Deus. Nossa procura por uma prática holística de missão, centrada no anúncio das Boas Novas, exige que revisitemos as Cinco Marcas da Missão definidas pelo CCA-6 e CCA-8, assim como elas não fazem explicitação suficiente da celebração de fé que missão encarna; nem tornam claro que as Boas Novas são endereçadas ao pobre.

Nós urgimos um reconhecimento mais aberto, e celebração da diversidade de teologias anglicanas de missão que está subjacente das Cinco Marcas. As "Cinco Marcas da Missão" são uma lista útil para conferência, mas dificilmente uma descrição definitiva do que é missão, porque elas falham por não enfatizar que o Evangelho é causa para celebração e de que a tarefa da evangelização é um agradável privilégio.

Uma divisão de missão em cinco tarefas encoraja aquela sensação de fragmentação que é um padrão de vida no mundo pós-moderno, onde as pessoas humanas se tornam as consumidoras em um sistema que prospera em competição. O abismo se alarga entre ricos e pobres, e a vida se torna cada vez mais sem sentido para muitos. A fragmentação aumenta, assim como famílias e indivíduos são relacionados a sub-culturas diferentes.

Missão é inclusiva. Pessoas de boa vontade podem se identificar com o programa de trabalho de Isaías (Isaías 65:19-25). Mas os cristãos, trabalhando para estes fins, fazem uma proclamação das Boas Novas sobre um Deus que em Cristo perdoa, aceita e restaura.

Compromisso com a missão envolve compromisso com a busca da unidade. A ação ecumênica não é uma opção mas parte do compromisso.

Nós urgimos pela recuperação da centralidade bíblica e histórica para a vida da Igreja, tornando conhecidas as Boas Novas do Reino de Deus revelado em Jesus, através de tudo o que nós somos, tudo o que nós fazemos e tudo o que nós dizemos.

Além das Distinções: Educação Teológica

No contexto da missão, os objetivos de educação teológica incluem os seguintes:

- equipar todo o povo de Deus para a missão;
- capacitar o amadurecimento em Cristo através de formação espiritual e ministerial;
- ajudar a desenvolver vontade para escutar e observar, de forma que eles possam fazer uma leitura inteligente dos sinais de Deus, nas suas vidas na comunidade e no mundo.

A oração deveria formar um componente integral, fundamentando toda a disciplina da educação teológica. É através da oração que as pessoas de Deus são unidas umas às outras, a sua comunidade e a Deus.

Na Igreja "em modelo missionário", cada pessoa é chamada para ser uma discípula e uma testemunha, assim como a comunidade das pessoas batizadas é mobilizada para adoração, ministério e missão. Missão é a base da formação e nutrição cristã, bem como pessoas cristãs em cada contexto vivem em uma fronteira de missão. Portanto ensinar e treinar para a vida nessa fronteira é vital. Processos formativos, como o catecumenato, grupos de nutrição na fé e outros recursos de discipulado, desempenham um papel fundamental, equipando as pessoas cristãs e comunidades para sua vida e testemunho. Nós pedimos a cada Província e Diocese para revisar sua atual prática de educação e formação à luz dessas necessidades.

Aquelas pessoas chamadas para liderança necessitam formação e nutrição que tenham a missão em seu centro. Nós urgimos uma reavaliação dos currículos de nossos seminários e outras instituições de treinamento (inclusive extensão, educação para o serviço e educação continuada).

Além das expectativas: Espiritualidade

Uma lição clara a ser aprendida das histórias de igrejas em missão é o centralidade da oração para a missão. De tempos em tempos, o inesperado tem acontecido como resultado do compromisso da Igreja local com a oração, freqüentemente acompanhado de jejum. A realidade do conflito espiritual desafia o racionalismo de muitos de nossa Comunhão; mas deveria vir sem nenhuma surpresa. (Efésios 6: 10-13). Nós urgimos uma vontade nova para lutar em oração por um renovado encontro do amor de Deus, perdão, justiça e santidade de vida pessoal e comunitária.

Nós também buscamos uma redescoberta da espiritualidade cristã, na qual o ser inteiro de cada discípulo e de cada comunidade de fé esteja aberto e disponível a Deus, para renovação e revitalização contínua, no serviço redentivo no mundo.

Comunidades cristãs e os batizados têm de se sentir ungidos pelo Espírito de Cristo e enviados por ele (Lucas 4: 16). Como nós falamos sobre espiritualidade nós estamos afirmando a que Espírito nós pertencemos, e as motivações profundas que explicam nossas atitudes, comportamentos e ações. O Espírito de Cristo nos inspira a nos doarmos por amor ao mundo (I Cor 5:14), assim como Deus nos deu seu único Filho (João 3:16)

Além da uniformidade: Igreja

A congregação local é a agente primária da missão. A meta de tais incursões missionários deveria ser a de tornar o amor de Cristo conhecido através das comunidades cristãs arraigadas no contexto local.

Para maior efetividade, uma ampla variedade de estruturas de missão; com base comunitária, paroquial, diocesana, e sinodal, são necessárias. Algumas serão bastante novas; outras serão estruturas familiares servindo para um propósito novo. Agências de missão Ocidentais tradicionais, por exemplo, podem achar que o papel crescente e principal delas seja facilitar iniciativas de missão e companheirismo de Igrejas locais ao redor da Comunhão.

Nós urgimos uma vontade de permitir a emergência de estruturas novas, e um compromisso de desenvolver novas redes de trabalho, de forma que em toda nossa diversidade nós ainda permaneçamos juntos servindo na missão de Deus como uma Comunhão.

Além da hierarquia: Episkope:

Nós endossamos sem reserva os comentários e recomendações do MISAG II sobre episcopado, e encorajamos que nossos bispos revisem os seus ministérios à luz daquele documento. Nós desejamos apenas acrescentar que liderança através do exemplo é vital ao papel do bispo na missão, e que o padrão de bispo-em-sínodo é uma característica importante e distintiva do Anglicanismo.

Além das ideologias: Bíblia:

As Igrejas crescentes do Terceiro Mundo nos recordam que há uma redescoberta empolgante das Escrituras como a fonte inesgotável de nossa adoração, testemunho e ação. É uma leitura renovada da Bíblia na qual a bagagem ideológica das interpretações passadas é apartada, permitindo a todo o povo de Deus relacionar a Palavra integral de Deus ao contexto no qual ele vivem.

Além das divisões: Ecumenismo

Nós regozijamos do muito emergiu nos primeiros anos da Década de Evangelização. Nós lamentamos termos ouvido poucas histórias de aventuras ecumênicas. Nós urgimos que aquelas iniciativas de missão em cada diocese e paróquia seja vista como experiências locais de unidade, e que movimentos para reunir os cristãos sejam vistos como aventuras locais de missão. Nós deveríamos explorar modos de tornar a missão a base e meta de nossas iniciativas ecumênicas. Ecumenismo é tão somente outro nome para amor.

Além das suspeitas: Outras fés

Muitas pessoas sem compromisso cristão prévio estão vindo ao Cristo pelo testemunho de pessoas anglicanas e comunidades ao redor do mundo. Este é um motivo de regozijo. Em alguns contextos, cristãos se sentem ameaçados por pessoas de outras fés, com muita razão. Nós encorajamos reflexão continuada sobre nossas atitudes para com pessoas de outras fés. Em particular nós sugerimos nos movermos para além das posições estereotipadas de exclusivismo ('outras fés não contêm nenhuma verdade'), inclusivismo ('as pessoas de outras fés são cristãos anônimos') ou pluralismo ('nós toleramos todas as fés'). Nós procuramos uma vontade para encontrar achar um campo comum de diálogo e coexistência pacífica com pessoas de outras fés.

Nossa primeira atitude sempre que nós nos relacionamos com povos ou comunidades de outras fés é deixar muito claro o que nós acreditamos. O centro de nossa fé é Jesus Cristo, crucificado e ressuscitado, ponto mais alto da experiência humana em sua resposta para a comunicação amorosa de Deus.

Mas nós temos o direito de afirmar nossa identidade ao nos abirmos para dar boas-vindas a alguém que é diferente de nós. Assim são requeridas a gentileza e cortesia de um embaixador quando nos aproximamos do que é um " estranho ", um diferente. Nós não podemos esquecer que nós acreditamos em um Deus, criador de todos os povos, e que Deus é infinitamente mais do que os vários nomes que nós podemos usar.

A Encarnação nos compele a reconhecer que nossa experiência cristã é encadernada por fatores culturais, históricos e até mesmo geográficos.

O diálogo com fés diferentes também é um desafio quando nós levamos o que o Jesus perguntou na sua oração seriamente: " que eles possam ser um para que o mundo creia ". (João 17: 12-23)

Além da Década: No futuro

Deus está chamando a Comunhão a uma vida nova no poder da ressurreição de Cristo? Mas ressurreição necessariamente é precedida pela morte. Morte para tradições apreciadas, morte para preconceitos inveterados; morte para um ego antiquado, e então uma chamada para uma vida nova e revitalizada em serviço e esperança.

Assim nós temos uma visão de uma Igreja transformada, uma Igreja que canta um cântico novo, para além de Lambeth 1998, além da Década de Evangelização, e além do Congresso anglicano proposto para o ano 2001.

É nossa esperança que a Comunhão cantará um cântico novo por uma vida transformada, uma vida no espírito de jubileu, arraigada na fé Bíblica, e viverá na simplicidade do amor de Deus. Nessa esperança nós recomendamos este relatório para a Comunhão.

Um cântico novo, do Brasil

O GRÃO

Se o grão não morrer
Debaixo da terra
Não virá a espiga
Alegrar a mesa.

Se o grão resistir
Ao vento e à chuva
Não terá o vinho
O vigor da uva.

Se o grão não morrer
Na mó do moinho
O corpo estará
Cada vez mais sozinho

Se o grão se entregar
À força do pão
Convívio haverá
Na ressurreição.

Texto: Armindo Trevisan (Brasil) Música: Rev. Flávio Irala (Brasil)